



Algumas considerações sobre o estudo da simbologia religiosa.

Considerations on the study of religious symbolism

Marcel Henrique Rodrigues*

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise sobre a importância do estudo dos símbolos religiosos, enfatizando seu caráter histórico e antropológico. Para tanto, é feito um estudo com base em autores que investigaram esse tema, como Campbell, Frazer e Jung, que dedicaram grande parte de suas obras aos estudos dos símbolos religiosos nas mais diversas civilizações, chegando ao consenso de que os símbolos foram uma das primeiras formas de manifestação linguística e religiosa da humanidade. Ao final, aponta-se a necessidade de maiores investigações sobre o tema, de modo a indicar as ricas áreas científicas que tal estudo insere e com o objetivo de levar o leitor a perceber que a Psicologia pode abordar outras áreas, além da clínica e do entendimento das patologias psicológicas, ou seja, a Psicologia tem material necessário para o estudo e a investigação das religiões, das crenças e dos ritos que permeiam a humanidade desde tempos imemoriais.

Palavras-chaves: Simbologia religiosa. Antropologia. Religiões.

Abstract

The current article represents, following a simple language, an analysis on the importance of the religious symbolism stressing its anthropologic and historical character. Therefore, a research based on previous authors who investigated this issue such as Campbell, Frazer and Jung. Men who dedicated great part of their work to the research and studying the religious symbols in their differences in civilizations, getting to the point that symbols were the first linguistic and religious occurrence of mankind. Then, a conclusion is done about the need for more investigations on the issue pointing out the diversity of scientific areas that insert this kind of study and also, the article should lead the reader to realize that psychology can address other areas, beyond the understanding of the clinical and psychological pathology, or psychology is required material for the study and research of religions, beliefs and rituals that permeate mankind since time immemorial.

Key-Words: Religious Symbolology. Anthropology. Religions

Artigo recebido em 16 de julho 2012 e aprovado em 02 de outubro de 2012.

* Discente do curso Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo-UNISAL. Membro da ABHR e Bolsista PIBIC-CNPq. Sua linha de pesquisa é em Símbolos, Religiões e Psicanálise. Contato: marcel_symbols@hotmail.com

Introdução

O presente artigo é fruto de reflexões gerais sobre os resultados da pesquisa “A queda do simbólico na vida contemporânea: uma interpretação da relação dos sujeitos com os símbolos da Igreja Matriz de Americana”, amparada pela Bolsa PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) concedida pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), realizada entre agosto de 2010 e julho de 2011.

Essa linguagem simbólica existente há milhares de anos é motivo de adoração, culto ou admiração para milhares de fiéis, independentemente do contexto religioso ou filosófico em que se inserem. Exemplos desses símbolos são a cruz para os cristãos, o *yin-yang* para os orientais, o esquadro e o compasso para os maçons, entre outras centenas de símbolos. É interessante apontar que quando se refere à simbologia religiosa, não devemos nos limitar somente às imagens, aos signos, aos sinais, aos símbolos, aos monogramas, entre outras imagens semióticas, mas também abranger a linguagem simbólica e mítica presente em livros sagrados das mais diversas e distintas religiões. Porém, este trabalho se limitará ao estudo dos símbolos religiosos no campo das imagens visuais concretas.

Não será destacado um símbolo especial, assim, o leitor deverá ter em mente os mais diversos e variados símbolos religiosos existentes no cotidiano. O artigo exporá, já de início, a importância e os motivos para estudar os símbolos, embasando-se em diversas áreas do conhecimento humano que o referido estudo se encontra intimamente ligado, com destaque para a Antropologia histórica. Outro aspecto que será tratado concerne à ciência da Psicologia, sobretudo à Psicanálise no estudo dos símbolos religiosos. Freud e Jung são os autores que mais se destacaram em tal estudo, dando um aspecto mais científico ao assunto.

Apesar de visões muito distintas sobre a importância da religião, cada um desses teóricos se dispôs a estudar a simbologia. Jung se prendeu mais aos símbolos religiosos e coletivos e Freud estudou os símbolos oníricos. Na sequência, faremos a abordagem dos símbolos dentro do campo histórico e antropológico, com embasamento nas obras de grandes autores como James Frazer, Joseph Campbell e Mircea Eliade, os quais

ênfatizam o processo histórico do surgimento dos símbolos primeiramente como linguagem rudimentar, mesmo antes da própria linguagem fonética, porém, ao mesmo tempo, com traços de símbolos de cultos religiosos.

Por fim, é válido ressaltar que este artigo não pretende julgar, defender ou criticar nenhuma religião específica, muito menos ponderar sobre questões de cunho teológico, mas sim pretenderá demonstrar, por meio de uma visão fenomenológica, a importância e a grande abrangência que o estudo da simbologia religiosa acarreta para o homem. Concluiremos que o simples estudo dessa temática é capaz de fornecer importantes ferramentas para a compreensão de características históricas, antropológicas e culturais da humanidade.

1 Motivos para estudar os símbolos

Autores como Santos (1959) argumentam que o estudo da chamada “ciência-simbólica” é importante, pois todos os símbolos possuem um forte enlace cultural, filosófico e histórico. O autor deseja apontar que o estudo, ou mesmo a simples observação dos símbolos leva o sujeito a entrar em contato com diversos ramos do conhecimento, como a Filosofia, a História, a Antropologia, entre outras áreas.

Para clarear esse complicado apontamento proposto por Santos (1959), pode-se elencar que cada símbolo possui uma ligação com diversos ramos do conhecimento, sendo eles:

- a) A Filosofia: cada símbolo, sobretudo, os religiosos, possui, geralmente, uma conotação filosófico-metafísica, a qual o sujeito é instigado a uma reflexão sobre o significado daquela imagem, ou seja, conduzirá o indivíduo pela busca do saber por meio do significado do emblema;
- b) A História: cada símbolo tem uma história, ou seja, esteve presente nesta ou naquela cultura. Talvez esse seja o ramo do conhecimento que mais esteja ligado aos símbolos, pois os mesmos se encontram presentes na humanidade há milhares de anos, sendo transmitidos de cultura para cultura;

- c) A Antropologia: se cada símbolo é uma criação cultural do homem, não se poderia excluir esse importante ramo do conhecimento.

Existem outras áreas a que somos levados quando estudamos os símbolos; elencamos acima somente algumas delas. Ficará claro, no decorrer da pesquisa, que a Psicologia é outro ramo, talvez o mais recente, a ser incorporado para o estudo da simbologia religiosa.

O cerne da importância do estudo reside no caráter fenomenológico que cada símbolo possui. O estudioso que pesquisa seriamente as religiões tem em mãos uma importante ferramenta, que são os próprios símbolos das religiões, os quais com sua “carga” histórica, filosófica e antropológica, fornecem ao estudioso um panorama geral da teologia ou das crenças de determinada religião. Portanto, os símbolos possuem uma raiz fenomenológica para o estudioso que deseja investigar o fenômeno religioso sem fazer referências à existência ou não de Deus/deuses ou valorizar/desvalorizar uma ou outra religião. Em termos gerais, o estudo dos símbolos, como é apontado por Jung (2008b), nos fornece um rico material para a compreensão da religiosidade humana, da cultura e da história de modo geral, assegurando uma visão fenomenológica que não faz julgamentos *a priori* e que mantém a neutralidade do pesquisador perante o fenômeno.

O que foi exposto até o momento está dentro do campo da pesquisa acadêmica, sendo que os símbolos fornecem um meio fenomenológico para estudar as religiões. Mas e para os que não são cientistas, o que o entendimento dos símbolos pode fornecer?

Essa indagação talvez fosse respondida somente na conclusão deste trabalho, todavia essa questão é necessária de ser levantada aqui, visto que falamos somente da importância dos símbolos para o estudioso acadêmico. Para o leigo, nos assuntos acadêmicos, a compreensão simbólico-religiosa pode-lhe fornecer ferramentas básicas para compreender o contexto histórico da religião com que ele se simpatiza ou que frequenta, por exemplo. Para exemplificar, vamos usar o símbolo da cruz, que é amplamente conhecido, sobretudo no meio cristão ocidental em que vivemos.

Vieira (2009) demonstra que quando falamos na palavra cruz, logo nos vem à mente a figura de Cristo, de sua Paixão, de seu sangue, de sua crucificação, entre outros aspectos. Seriam somente esses conceitos de significados aplicados à cruz?

Do ponto de vista histórico e antropológico não, pois como aponta Vieira (2009), a cruz é um dos símbolos mais antigos presentes na humanidade, sua história é

muito anterior ao Cristianismo. Lurker (2003) explica que a cruz é um símbolo primordialmente pagão e que aparece em diversas culturas no mundo, como na cultura dos antigos gregos, germânicos e até mesmo na cultura pré-colombiana, na qual a cruz era dedicada ao deus da chuva.

Com essa rápida explanação sobre o quão antigo e histórico é o símbolo da cruz, podemos inferir que um indivíduo ao se questionar sobre tal símbolo e se for levado a buscar e a descobrir suas origens, inevitavelmente entrará em contato com a história de várias culturas distintas. São elas que mostrarão a ele que um símbolo não é estático e único de uma religião, mas que é dinâmico e culturalmente difundido por diversas civilizações. Assim, o sujeito entra em contato com a história de suas raízes e de como se dá a construção do conhecimento, ambos essencialmente importantes para o conhecimento humano.

2 A simbólica no plano psicológico

Como já apontado, a Psicologia é um dos mais recentes ramos do conhecimento científico que contribuí para o estudo da simbologia religiosa, ou “ciência-simbólica”, como proposto por Santos (1959). Apesar de a rigor a Psicanálise pertencer ao campo da Medicina, onde nasceu, ela já foi amplamente adotada pelo campo da Psicologia como referencial teórico e tema de pesquisas, tornando a Psicologia ainda mais complexa em matéria de escolas, teorias e fundamentações filosóficas. Dentro da Psicologia, a Psicanálise foi a escola que mais contribuiu para o estudo dos símbolos religiosos, sobretudo a Psicanálise de Jung. O médico de Zurique, que fora amigo e depois dissidente de Freud, é o fundador da chamada Psicologia Analítica.

Não é nossa intenção discutir sobre os argumentos de Jung (2008a) que levaram ao rompimento com Freud (2006a), o fundador da Psicanálise, nem discutir sobre nenhum método de tratamento clínico. Nosso intuito aqui é conhecer as principais teorias psicanalíticas para os símbolos religiosos, sempre utilizando dos conceitos antropológicos e históricos que são fundamentais para a simbologia.

Para Jung (2008b), os símbolos são produtos do inconsciente humano o qual se utiliza de imagens para expressar uma linguagem que, segundo o autor, é a linguagem da alma humana. Esse estudioso se deparou com a noção de simbólica como linguagem

do inconsciente após observar que milhares de símbolos idênticos uns aos outros se apresentavam em diversas culturas do mundo, independentemente de seu contexto geográfico ou histórico. O exemplo da cruz, citado acima, é essencial para a explicação desse conceito junguiano, pois como observamos, a simbólica da cruz aparece não só no Cristianismo, mas também na cultura grega, germânica e pré-colombiana, que estão distantes entre si, e que, possivelmente e principalmente entre os pré-colombianos, não tiveram nenhum contato ou intercâmbio cultural. Esse e outros exemplos levaram Jung (2008a) a postular não só a existência de um inconsciente que se expressa através dos símbolos míticos, mas a existência de um inconsciente coletivo (inerente a todos os seres humanos) que, a partir de sua linguagem simbólica, independentemente da cultura, da posição geográfica ou do credo religioso, leva todos os seres humanos a estarem culturalmente interligados a uma coletividade simbólica trazida pelo inconsciente. Eis como Jung (2008a) interpreta o inconsciente coletivo:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (JUNG, 2008a, p. 53)

Diante dessa explicação, devemos compreender o que Jung (2008a) entende por arquétipo. Tal termo é utilizado, dentro da perspectiva da Psicologia Analítica, para designar ideias e imagens primordiais que são inatos à psique humana e que, portanto, fazem parte do inconsciente coletivo que projeta os símbolos frutos das atividades arquetípicas. Lurker (2003) argumenta que Jung (2008a) postulou os arquétipos como parte da instintualidade humana, ou seja, se os símbolos religiosos são produzidos pelo inconsciente arquetípico e se os arquétipos, que são os “produtores” destes símbolos, são parte dos instintos, então os símbolos e as religiões são, segundo Jung (2008a), manifestações típicas da natureza humana.

É verídico que as hipóteses de Jung (2008a) geraram muitas polêmicas, discussões e críticas, mas o que também não mais é negado é que seu trabalho foi e

ainda é fundamental para os estudos dos símbolos e das religiões comparadas, dentro de uma perspectiva filosófica, histórica e psicológica.

Dentro do círculo da Psicanálise, Freud (2006a) também escreveu sobre os símbolos de um modo geral. Embora Freud (2006a) não tivesse uma visão tão amigável como Jung (2008) tinha das religiões, o pai da Psicanálise estudou o fenômeno das religiões e dos símbolos com uma lente mais crítica, sempre embasada em seu positivismo. O Positivismo, como explica Barbour (2004), rejeita qualquer noção de metafísica, dogmas ou crenças, desta forma, só é válido, para os positivistas aquele conhecimento que possa ser empírico e verificável. Freud (2006b), assim como Jung (2008b), teorizou que grande parte dos símbolos utilizados pelas religiões e pelas culturas em geral é fruto da atividade do inconsciente que se manifesta, na maioria das vezes, pelo viés onírico. Embora Freud (2006b) tenha rejeitado totalmente a teoria do inconsciente coletivo, ele aceitou a ideia de que a simbolização das culturas, sobretudo das religiões, é transmitida no que ele chamou de “resíduos-arcaicos”, que seriam resíduos que sobrevivem na psique inconsciente desde os tempos imemoriais e que instigam o ser humano, de modo geral, a agir de uma maneira semelhante a de seus ancestrais e ao seu grupo, principalmente na criação dos símbolos e rituais religiosos.

A intenção deste estudo é levar o leitor a uma reflexão sobre o tema dos símbolos, de sua grande importância, que instigou dois dos maiores nomes do século XX, Freud e Jung, a estudá-los sob uma óptica científica. Por meio de seus trabalhos, comprovaram que o estudo da simbologia fornece ao pesquisador uma conexão com os estudos de outras áreas do saber, como a História, a Antropologia, a Filosofia, as religiões comparadas, entre outras.

3 A simbologia religiosa no contexto histórico e antropológico

Vimos a importância dos símbolos na área da Psicologia e agora daremos atenção ao contexto histórico e antropológico em que os mesmos se inserem. Campbell (2008) é um dos autores que mais enfatiza a importância histórica dos símbolos, colocando-os como fruto da evolução intelectual do ser humano. O autor, que muito se aprofunda nos temas simbólico-religiosos, entende que os símbolos antecedem a própria

formação da linguagem fonética, portanto, caracteriza-os como uma das primeiras formas de comunicação humana enraizada no contexto mítico religioso.

Campbell (2010) ousa supor que as pinturas rupestres, principalmente as da caverna da Lascaux, no sudoeste da França, são imagens religiosas e simbólicas, que comprovam a probabilidade de que uma das primeiras formas de comunicação humana se dera através dos símbolos imagéticos. O autor não se orienta somente pela pré-história para comprovar suas teses, mas se volta também para a antiguidade egípcia com seus temas hieroglíficos, os quais são marcados por imagens simbólicas com caráter linguístico-fonético.

Frazer (1982) também observou nos símbolos uma forte manifestação linguística dos homens da antiguidade e também que esse aspecto por si só comprova a importância histórica dos símbolos para a humanidade. Esse renomado antropólogo acredita que seja difícil separar os mitos dos símbolos uma vez que para ele ambos estão intrinsecamente interligados. Campbell (2008) não tem dúvidas sobre o valor histórico dos símbolos e aponta a impressionante forma pela qual as imagens simbólicas, sejam elas em mitos ou imagens, são transmitidas de uma cultura para outra.

D'Alviella (1995) estudou os símbolos religiosos, não dentro de um contexto psicológico, mas sim histórico e nos mostra como diversos símbolos foram sendo transmitidos de cultura para cultura, sempre se adequando ao novo contexto. Esse estudioso pesquisou, sobretudo, a suástica¹ como símbolo amplamente difundido e cultuado entre diferentes culturas do mundo antigo.

Embora esses estudiosos tenham planos de pesquisa diferenciados, suas conclusões coincidem no que se refere ao caráter histórico dos símbolos, ou seja, o fato de que todas as religiões foram se desenvolvendo mediante a introdução das imagens sacras ou símbolos. Não há como negar que a chamada “linguagem dos símbolos” tenha se manifestado em praticamente todas as culturas do globo, primeiramente como símbolos de culto sagrado, depois passando para símbolos dos estados e das cidades que se contextualizam fora do âmbito sagrado. Seja como for, os símbolos sobreviveram ao pesado tempo da história, às diversas transformações sociais e continuaram como

¹ A suástica, como é definida por Lurker (2003), é um dos mais antigos símbolos de que se tem registro. Aparece em culturas como as dos hindus, gregos, romanos, celtas entre outras. Ficou mundialmente conhecida por ter sido usada pelos nazistas como emblema do movimento, que deturpou totalmente o seu original significado religioso.

linguagem das religiões e motivos de culto e devoção. Antes de aprofundar sobre os símbolos nas religiões atuais, é necessário argumentar sobre em que consiste a linguagem dos símbolos.

Por linguagem, entendemos, segundo Cassirer (2004), como sendo uma manifestação, seja ela - fonética, artística, simbólica, gestual, entre outras -, entre os seres vivos, como uma tentativa de comunicação. Assim, como apontado, existem muitos tipos de linguagem, incluindo a própria linguagem simbólica que, segundo Cassirer (2004), está intimamente atrelada ao surgimento da linguagem tal qual temos hoje. O estudioso defende que os mitos, com sua linguagem simbólica, foram as primeiras manifestações de linguagem em forma fonética que se tem registro. Portanto, seguindo o pensamento desse autor e de outros, como Campbell (2008) e Eliade (2002), chegamos à conclusão de que além das características históricas, psicológicas e antropológicas existentes nos símbolos, há ainda a sua característica linguística.

Cada símbolo é carregado de significados - sempre dependendo do ambiente em que está inserido - para compreender sua linguagem ou seu real significado, é necessário o conhecimento da história, seja a história de determinada cultura, crença, ideologia, teologia, entre outros. Frutiger (2001) acrescenta que, além do conhecimento histórico, o sujeito deve entender que um símbolo nunca é o que realmente demonstra ser, ou seja, seu significado está ocultado. Essa definição é um tanto quanto confusa, tentaremos explicá-la de uma forma mais inteligível. O que a autora deseja explicar é que o símbolo não é como a linguagem dos sinais, que é distinta dos símbolos. Dessa forma, os sinais refletem uma linguagem mais objetiva. Por exemplo, ao vermos o sinal de um prato entre talheres, seremos levados a crer que tal sinal se refere a um restaurante, porém, na perspectiva da simbologia religiosa tal conceito não se aplica. Um símbolo possui uma linguagem, se assim podemos dizer mais transcendental, que sempre remete a um outro, como a cruz remete à Jesus para os cristãos, como o quadrante da terra para os pagãos.

Para explanar o conceito de símbolo como linguagem oculta, utilizemos o exemplo fornecido por Daniélou (1993), que estudou amplamente os símbolos religiosos dos cristãos no início da cristandade. Ele nos apresenta alguns símbolos que serviram para ocultar o culto dos cristãos no início do Cristianismo. Esse ocultamento, segundo o autor, era necessário, pois -, a grande violência exercida por parte dos pagãos contra o culto cristão fizera com que a única forma de manter os valores da nova

religião fosse ocultando-os sob símbolos, - o símbolo mais utilizado nessa época foi o peixe, o qual era já bem conhecido no mundo antigo.

Sendo assim, o peixe, que tem como significado cristão do batismo ou o renascimento nas águas do Espírito Santo, era colocado em lugares comuns, com o objetivo de indicar as proximidades de um local para culto “secreto” cristão. O interessante é que o símbolo do peixe, nessa época, estava transmitindo uma mensagem oculta, somente conhecida por aqueles que tinham o conhecimento do culto cristão e seu real significado, sendo que, para a maioria dos pagãos, o símbolo tinha um mero significado de abundância. O’Connell e Airey (2010) complementam que esse símbolo, além de um significado simbólico mítico, possuía também um significado fonético, pois, - peixe em grego é escrito *ICHTHUS*. Essas letras são as iniciais de “Jesus Cristo, o Filho de Deus e Salvador”, o que revela um eficaz símbolo secreto para o Cristianismo nascente. Esse exemplo é importante para ilustrar que os símbolos têm a função de fornecer uma linguagem oculta, ou seja, de trazer consigo o significado de outro, significado este que necessita ser decodificado para se compreender seu real sentido. Kast (1997) diz que a linguagem dos símbolos é composta de no mínimo, dois elementos, em que uma imagem sempre se apresenta no lugar da outra, desse modo, todo símbolo é uma referência a outro. Um exemplo simples é a cruz no lugar de Jesus Cristo, no âmbito cristão.

Após essa apresentação e a compreensão de que, de fato, os símbolos ainda continuam a fazer parte das grandes religiões mundiais e que os mesmos possuem uma conexão histórica e antropológica, e que portanto não são meras imagens decorativas, passemos a um novo tópico.

4 Afinal por que a religião é em si simbólica?

Esta é uma questão que não é difícil de ser respondida, visto que já foram expostas todas as qualidades que um símbolo possui. Estamos longe de fazer qualquer indagação metafísica ou sobre a existência ou não de poderes divinos entre outras crenças-; iremos nos preocupar com a investigação da religião como manifestação típica da humanidade.

Vimos que a antropologia está intimamente ligada às questões simbólicas. É a partir desse pressuposto antropológico que tentaremos responder à questão apresentada. É bem provável que o leitor já tenha encontrado a resposta para a pergunta, porém, acreditamos ser necessária uma revisão para justificar cientificamente o uso da linguagem dos símbolos religiosos.

Os autores que até agora foram citados, como Campbell (2008), Freud (2006b), Jung (2008b), Eliade (2002) e Frazer (1982), são unânimes ao postular que os símbolos foram, de modo geral, a marca central para o início da crença religiosa, da linguagem e da cultura. Bettencourt (2003) demonstra que é praticamente impossível encontrar uma civilização que não tenha tido um tipo de culto religioso na mais afastada das eras. Os considerados homens das cavernas, que não possuíam um corpo evoluído, com as características que hoje temos, já apresentavam sinais de cultos simbólicos mesmo antes da criação da linguagem fonética. O que o autor está demonstrando é que, acima de tudo, as características da religiosidade humana são de cunho antropológico e histórico e que a linguagem simbólica é a mais antiga manifestação de comunicação existente.

É cientificamente impossível saber se tais símbolos eram de cunho somente religioso ou se já eram tidos como meio de comunicação. Alguns autores postulam que esses símbolos eram muito mais utilizados como meios de comunicação do que para fins religiosos, porém, as opiniões são muito divergentes.

Após termos voltado para as características antropológicas da simbologia, que são tão evidentes, podemos responder à questão com base científica e apontar que a religião é, de modo geral, fundamentalmente baseada em símbolos. Por isso, as linguagens das religiões são propriamente simbólicas, seja pelas características de imagens ou mesmo pelos contos míticos.

Agora podemos indagar: será que as religiões da contemporaneidade consideram a manifestação simbólica primitiva? Ou elas estão demasiadamente empenhadas para “comprovarem” que todos os seus escritos religiosos são na verdade realidades históricas? Talvez a segunda questão se encaixe de melhor forma, pois o que hoje podemos observar é uma verdadeira “guerra” entre religiões que se digladiam entre si em nome da literalidade de seus deuses, de seus mitos e de seus símbolos e acabam se esquecendo que todas as manifestações religiosas vieram, antropológica e historicamente falando, de um ramo simbólico.

A religião é em si simbólica por causas naturais do próprio homem que demonstra a necessidade humana de simbolizar aquilo que não consegue expressar, ou que está ausente, ou seja, a própria divindade que o homem desconhece. É esse impulso que faz com que a religião seja em si natural, na qual a verdadeira divindade se manifesta de forma límpida e articulada na imaginação do homem, não de forma dogmática, mas adogmática.

Muitas dessas críticas à atual religiosidade, sobretudo ocidental, podem ser encontradas nos escritos de Jung (1988), o qual amplamente estudou sobre as questões dos símbolos nas religiões da contemporaneidade, tendo encontrado uma nova forma de culto, pois a atual religiosidade, como já dito, tem deixado de lado sua simbologia e se preocupado cada vez mais com a exploração e a comprovação de que todos os contos de seus livros sagrados são verdades literais. Podemos crer, que apesar de grande parte das religiões continuar a expor sua incrível simbologia, elas sofrem com a chamada “queda” do simbólico por que, simplesmente, deixaram de lado o uso e a interpretação de seus próprios símbolos.

Reflexões e considerações finais

Com certeza, falar sobre simbologia religiosa é algo bastante difícil, pois sempre há o perigo de cairmos em afirmações teológicas.

Para fecharmos o trabalho, refletimos sobre a grande quantidade de áreas de conhecimento que um simples símbolo abarca. Vimos somente as áreas principais ou as que estão mais conexas com o tema, provando assim, que os símbolos são muito ricos em conhecimento humano.

Parece estranho falarmos que um símbolo é rico em conhecimento humano, parece mesmo uma espécie de antropomorfismo do símbolo, porém, considerando a antiguidade das imagens simbólicas, podemos dizer que realmente eles têm uma vasta interconexão com várias áreas das ciências humanas, sobretudo com a antropologia. E é exatamente pelo rico material que os símbolos fornecem que fazem com que o estudo da simbologia seja extremamente enriquecedor e importante.

Hoje as religiões estão com seus templos adornados por antigos e milenares símbolos, muitos de seus fiéis lhe prestam cultos, mas será que conhecem seus significados? Os fiéis sabem que esses símbolos pertencem a uma coletividade religiosa de outras culturas, ou melhor dizendo: eles sabem que esses símbolos são mais antigos que sua própria religião enquanto sistema teológico? Com certeza a resposta é não². Não é nosso intuito propor que os membros de uma religião sejam especialistas em símbolos, porém, o conhecimento dessa linguagem simbólica, dessas imagens enigmáticas que enchem seus templos e catedrais pode ser um importante viés para que o homem tome ou retome o contato com sua história, com a história da sua religião, de suas crenças e de uma maneira mais ampla, com a história da própria humanidade.

Temos a consciência de que um dos males que atinge a humanidade na atualidade é a própria desconexão com o fluxo da história. Temos visto grandes comunidades, povos e países que vivem e agem como se não houvesse uma construção histórica da cultura. Um exemplo que podemos citar é a própria guerra entre Islamismo e Judaísmo, essas culturas tendem a enfatizar somente os momentos históricos em que essas duas grandes religiões se digladiaram e se esquecem que partilham dos mesmos temas simbólicos, como a crença em um Deus único ou, em questão de imagem, o símbolo do Hexagrama³, que é um motivo simbólico tanto do Islamismo como do Judaísmo. Esses hexagramas têm sido destruídos por parte do povo árabe em manifestações contra os israelitas.

Longe de fazermos apologias políticas ou religiosas, este escrito teve a preocupação com o estabelecimento do homem histórico e simbólico, a partir dos estudos e da compreensão da simbologia religiosa. É notório como um símbolo é rico em significado histórico-antropológico, sendo um importante meio de estudar a cultura humana através de um olhar fenomenológico e sem julgamentos *a priori*, o qual pode fornecer ao homem um arcabouço crítico com sua própria religiosidade e com a sociedade de modo geral.

² É válido lembrar que este trabalho é baseado em uma pesquisa empírica, como mencionado na introdução.

³ O Hexagrama, segundo Lurker (2003) é um importante símbolo para o Judaísmo e para o Islamismo que representam uma incrível quantidade de significados. Para os judeus representam as doze tribos de Israel e para os sufistas a união entre divindade e humanidade.

REFERÊNCIAS

- ALVIELLA, G. **A migração dos símbolos**. São Paulo: Pensamento, 1995
- BARBOUR, I. **Quando a Ciência Encontra a Religião**. São Paulo: Cultrix, 2004
- BETTENCOURT, Estevão Tavares. **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: Itaci, 2003.
- CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva**. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus: Mitologia Oriental**. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas- O Pensamento Mítico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CONNELL, Mark; AIREY, Raje. **Signos e Símbolos**. São Paulo: Escala, 2010.
- DANIÉLOU, J. **Símbolos Cristãos Primitivos**. Porto Alegre: Kuarup, 1993.
- ELIADE, M. **Imagens e Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FRAZER, James. **O Ramo Dourado**. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.
- FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.
- FRUTIGER, A. **Sinais & Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b.
- JUNG, C. G. **Psicologia da Religião Ocidental e Oriental**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- KAST, V. **A Dinâmica dos Símbolos**. São Paulo: Loyola, 1997.
- LURKER, M. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SANTOS, M. F. **Tratado de Simbólica**. São Paulo: Logos, 1959.
- VIEIRA, J. D. **A Cruz Formas e Simbolismo**. São Paulo: Madras, 2009.